



# XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-6 – Informação, educação e trabalho

## ATUAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO EM UMA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR COM ENFOQUE SOLIDÁRIO E SUSTENTÁVEL

### *THE LIBRARIAN'S ROLE IN AN INTERNATIONALIZATION OF HIGHER EDUCATION WITH A SOLIDARY AND SUSTAINABLE APPROACH*

Nancy Sánchez-Tarragó - Universidade Federal de Rio Grande do Norte

#### **Modalidade: Trabalho Completo**

**Resumo:** A internacionalização da educação superior constitui uma das mais importantes pressões do contexto global que afetam às bibliotecas universitárias contemporâneas, juntamente com a emergência de ecossistemas abertos e colaborativos de produção de conhecimento, por um lado, e as forças que impulsionam a mercantilização e privatização do conhecimento, por outro. Essas tensões se manifestam na coexistência de práticas de internacionalização orientadas à obtenção de lucros, que reforçam a mercantilização do conhecimento e as assimetrias epistêmicas, com outras práticas, conhecidas como internacionalização solidária, que incentivam a cooperação, a integração regional, as relações de reciprocidade e a valorização da diversidade cultural e epistêmica. Este artigo apresenta reflexões preliminares, por meio de uma pesquisa bibliográfica alicerçada nos estudos decoloniais, sobre as contribuições e desafios da atuação dos bibliotecários latino-americanos em prol de uma internacionalização solidária e sustentável, articulando conceitos de responsabilidade social e decolonização do conhecimento. Três áreas de pensamento e ação são propostas: a decolonização de acervos e a integração de conhecimentos plurais; a decolonização dos instrumentos e processos de organização do conhecimento e o apoio à construção de uma ciência aberta situada.

**Palavras-Chave:** bibliotecário; bibliotecas universitárias; internacionalização solidária; decolonização de conhecimentos; responsabilidade social.

**Abstract:** Internationalization of higher education is one of the most important pressures in the global context affecting contemporary university libraries, coupled with the emergence of open and collaborative knowledge-producing ecosystems, on the one hand, and the forces driving the commodification and privatization of knowledge, on the other. These tensions are manifested in the coexistence of internationalization practices, oriented to profit, which reinforce the commodification of knowledge and epistemic asymmetries, with other practices, known as solidary internationalization, which encourage cooperation, regional integration, relations of reciprocity and the valorization of cultural and epistemic diversity. This article presents preliminary reflections, through a bibliographic research based on decolonial studies, about the contributions and challenges of the Latin American librarians' actions in favor of a solidary and sustainable internationalization, articulating concepts of social responsibility and decolonization of knowledge. Three areas of thought and action are proposed: the decolonization of collections and the integration of plural knowledge; the decolonization of the instruments and processes of knowledge organization and the construction of a situated open science.

**Key words:** librarian; academic libraries; solidary internationalization; decolonization of knowledge; social responsibility.

## **1 INTRODUÇÃO**

Entre as pressões do contexto global que hoje enfrenta a educação superior e, portanto, as bibliotecas universitárias, encontram-se a globalização e a internacionalização (PINFIELD; COX; RUTTER, 2017). A globalização se refere a um fenômeno objetivo que se desenvolve por meio do movimento do capital, guiado por forças de mercado, lideradas por conglomerados industriais e multinacionais financeiras e que traz consigo um fluxo de tecnologias, economia, conhecimento, pessoas, valores, ideias, além das fronteiras nacionais. Segundo Altbach (2004), para o ensino superior, as forças globalizantes envolvem o uso intensivo de tecnologias da informação e o uso de uma linguagem comum para a pesquisa científica (inglês), mas também, muitas vezes, a adaptação organizacional à lógica competitiva do mercado global. O termo internacionalização, por sua vez, refere-se ao estabelecimento de relações entre duas ou mais nações e seu uso tem ido da política e das relações internacionais, economia e comércio, para outras áreas, como a educação.

Embora com traços históricos que alguns autores remetem ao próprio surgimento das universidades, ou mais recentemente, às ações de “exportação” dos modelos de universidade europeias com a colonização europeia, o fenômeno que hoje é chamado de internacionalização da educação superior é relativamente novo, surgido há cerca de 25 anos (GACEL-ÁVILA; RODRÍGUEZ-RODRÍGUEZ, 2018; MONZÓN, 2014). Entre os fatores que fomentam este processo está a centralidade que o conhecimento tem atualmente para as sociedades, um mercado de trabalho que exige pessoas com qualificações e habilidades superiores e uma interconexão cada vez maior entre produtores e consumidores de conhecimento, mediada por tecnologias da informação.

Como elemento marcante nos últimos anos, as racionalidades para desenvolver processos de internacionalização no âmbito das instituições de educação superior têm se movido desde as motivações relacionadas com a segurança nacional e a promoção da paz mundial, o desenvolvimento de recursos humanos e a promoção da integração e entendimento intercultural, até objetivos eminentemente mercantis, para a obtenção de lucros e a criação de status e marcas (KNIGHT, 2013; STEIN, 2017). Contudo, na América Latina, em escala regional, as perspectivas de análise baseadas numa defesa ideológica da cooperação solidária e na crítica aos enfoques neocoloniais, assim como, reflexões que salientam a educação como bem público, têm sido relevantes (DIDOU-AUPETIT, 2014).

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019  
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

Nesse sentido, neste artigo adota-se como definição de internacionalização da educação superior a proposta da pesquisadora mexicana Jacqueline Gacel-Ávila (2006):

um processo que integra uma dimensão global, internacional, intercultural, comparativa e interdisciplinar nas funções substantivas das IES [instituições de ensino superior], cujo alcance é a promoção de uma perspectiva e consciência global dos problemas humanos em favor de valores e atitudes de cidadania global responsável, humanista e solidária (GACEL-ÁVILA, 2006, p.61, tradução da autora).

É esse um terreno fértil para os bibliotecários acadêmicos refletir sobre suas contribuições à internacionalização da educação superior, que naturalmente envolve contribuições aos processos de produção, aquisição, organização, circulação e socialização do conhecimento que ocorrem no tripé ensino, pesquisa e extensão. Estudos anteriores visaram sistematizar estas contribuições, assim como identificar e caracterizar a estrutura intelectual deste domínio (CLICK, 2017; SÁNCHEZ-TARRAGÓ, BUFREM; SANTOS, 2016; SÁNCHEZ-TARRAGÓ, CASTELLANOS GALLARDO; BUFREM, 2017). O trabalho de Sánchez-Tarragó e Bufrem (2018) apontou também a importância de um olhar crítico à internacionalização desde as bibliotecas universitárias, assim como seu papel no desenvolvimento de uma internacionalização solidária e sustentável, em contraposição com uma internacionalização orientada principalmente à obtenção de lucros, baseada na mercantilização da educação.

Portanto, o presente artigo visa apresentar reflexões preliminares sobre as contribuições e desafios dos bibliotecários que atuam nas bibliotecas universitárias em prol de uma internacionalização solidária e sustentável, por meio de uma pesquisa bibliográfica alicerçada, fundamentalmente, em um quadro teórico de estudos pós-coloniais/decoloniais (CASTRO-GÓMEZ; GROSGOUEL, 2007) e estudos críticos sobre a internacionalização da educação superior<sup>1</sup>. Três áreas de pensamento e ação para os bibliotecários universitários são propostas: a decolonização dos acervos das bibliotecas e a integração de conhecimentos plurais; a decolonização dos instrumentos e processos de organização do conhecimento e o apoio à construção de uma ciência aberta situada. O trabalho tem a seguinte estrutura: na seção 2 se situa o marco de atuação do bibliotecário a partir da discussão crítica dos modelos de internacionalização e a descolonização do conhecimento, apresentando também o construto de internacionalização solidária e sustentável, enquanto na seção 3 se delineiam as três áreas

---

<sup>1</sup> Critical Internationalization Studies Network. Disponível em:  
<https://criticalinternationalization.net/resources/>

de pensamento e ação vislumbradas, trazendo à tona a responsabilidade social e os desafios do bibliotecário em prol desse modelo de internacionalização. Fecha com considerações finais.

## **2 OS BIBLIOTECÁRIOS NO CONTEXTO CRÍTICO DA INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR E DA DECOLONIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS**

As bibliotecas universitárias destinam-se a apoiar as funções da universidade onde estão localizadas (ensino, pesquisa e extensão), alinhadas, portanto, a sua missão e seus objetivos. De acordo com Leitão (2005), entre suas principais funções estão garantir aos seus usuários igualdade de acesso ao conhecimento; contribuir à preservação da democracia, evitando qualquer censura em suas coleções e serviços; e promover a consciência cidadã e a emancipação dos indivíduos. Presume-se que as bibliotecas universitárias têm também um papel importante na internacionalização das instituições de ensino superior, ainda que, como observam Witt, Kutner e Cooper (2015), em geral, nem os planos estratégicos de internacionalização das universidades nem a literatura geral sobre o assunto fazem menção das bibliotecas.

No entanto, a literatura produzida pelos autores de Ciência da Informação e Biblioteconomia sobre as relações dessas disciplinas e seus profissionais com a internacionalização da educação superior é crescente e estimulante. O estudo de Sánchez-Tarragó, Bufrem e Santos (2016) constatou o aumento contínuo da pesquisa sobre a temática, principalmente a partir da década de 2000, coincidindo com o comportamento observado na produção científica geral sobre a internacionalização da educação superior (SÁNCHEZ-TARRAGÓ, SANTOS, BUFREM, 2014, 2015). Uma análise dos temas pesquisados, por meio da técnica bibliométrica de co-citação de palavras-chave, mostrou que aproximadamente 35% dos trabalhos abordaram questões relacionadas às bibliotecas universitárias e estudantes internacionais. Em estudos posteriores, mais focados neste recorte, foi analisada a diversidade de práticas e objetos de pesquisa discutidos na literatura que aborda a relação entre as bibliotecas universitárias e a internacionalização do ensino superior: alfabetização informacional e formação de competências em boas práticas de pesquisa, citação e redação científica para usuários internacionais; estudos de comportamento informacional de usuários internacionais; serviços de referência em cursos transnacionais; estudos sobre choque cultural, ansiedade na biblioteca e diferenças de linguagem na comunicação com os usuários; coleções de recursos multiculturais; acesso aberto; redes e alianças com bibliotecas, departamentos universitários, associações estudantis, comunidades internacionais; planos estratégicos de

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019**  
**21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

internacionalização; competências e formação de bibliotecários, incluindo a aprendizagem de línguas estrangeiras e as competências interculturais (SÁNCHEZ-TARRAGÓ; CASTELLANOS BATISTA; BUFREM, 2017; SÁNCHEZ-TARRAGÓ; BUFREM, 2018).

Os estudos identificados procedem principalmente de autores dos Estados Unidos, Canadá, Austrália, Reino Unido e China, refletindo o domínio dos quatro primeiros países como provedores de serviços educacionais, enquanto a China se destaca como o principal emissor de estudantes internacionais. Nesse contexto, muitas bibliotecas universitárias citam entre suas motivações para a participação em processos de internacionalização apoiar, precisamente, as estratégias de negócios de recrutamento de estudantes implementadas pelas universidades (BECKER, 2006; WITT, KUTNER & COOPER, 2015). É possível observar também que a maioria dos trabalhos que atualmente abordam os espaços e papéis das bibliotecas universitárias na internacionalização do campus o fazem desde uma perspectiva neutra, que assume acriticamente a internacionalização como um processo inerentemente benéfico, cujo argumento central é "preparar os estudantes para uma sociedade global", enquanto a crescente orientação lucrativa da internacionalização é vista como um fato que forma parte do contexto dinâmico da globalização ao qual devemos inevitavelmente nós adaptar.

Sendo assim, é importante uma visão crítica aos processos e modelos de internacionalização que permita vislumbrar outros espaços de atuação profissional para os bibliotecários. De fato, embora nos últimos anos a internacionalização da educação superior tem sido vista, cada vez mais, como o meio pelo qual as instituições de educação superior podem garantir, em consenso, práticas de ensino e pesquisa que preparem aos estudantes e as sociedades a enfrentar as crises globais que hoje a Humanidade vive (STEIN, 2017), diversas vezes, que podem ser agrupadas sob um movimento de estudos críticos sobre a internacionalização, alertam para os riscos, associados à crescente mercantilização da educação superior que se desenvolve sob a bandeira da internacionalização (BRANDENBURG & WIT, 2011; KNIGHT, 2013; STEIN, 2017). Esses riscos incluem a reprodução de relações de poder e fluxos de recursos desiguais.

Essa análise crítica de como os processos de internacionalização do ensino superior vêm se desenvolvendo permite a identificação de dois modelos fundamentais: um modelo hegemônico e um modelo não hegemônico. O modelo hegemônico é aquele em que a internacionalização se manifesta na oferta de serviços educacionais transnacionais como

fonte de lucro, prevalecendo a racionalidade econômica. Neste modelo, os países do Norte<sup>2</sup> atuam como prestadores de serviços de educação, enquanto os estudantes do Sul são os principais clientes (OREGIONE, 2017; PERROTA, 2015; SANCHEZ-TARRAGÓ; BUFREM, 2018). As ligações internacionais neste modelo também são caracterizadas por seu caráter exógeno, incentivado por "projetos, atores e interesses extra regionais, que historicamente conduziram as políticas que ligaram assimetricamente o Norte e Sul" (OREGIONE, 2017, p. 117). Estados Unidos, Reino Unido, Austrália, Nova Zelândia e Canadá são os países que atuam como os principais provedores de serviços educacionais neste modelo.

Perrota (2015), baseada em Altbach e Teichler (2001), aponta os riscos que esse modelo de internacionalização acarreta:

[...] a dispensa da capacidade de equalizar oportunidades no ensino superior; a perda de relevância do processo de aprendizagem (enquanto produz resultados para o mercado); a espoliação, seja financeira ou através de programas de baixa qualidade, de estudantes estrangeiros; a ênfase em produtos facilmente comercializáveis (programas ministrados em inglês, predominância de mestrado em administração de empresas, cursos de inglês, cursos de informática, etc.); a priorização da venda de produtos de conhecimento para estrangeiros por encima dos esforços de entendimento mútuo nas relações internacionais das instituições; o crescimento de empresas orientadas para o lucro que oferecem programas educacionais que muitas vezes não atendem aos padrões de qualidade [...] (PERROTA, 2015, p.26).

Também Ilieva, Beck e Waterstone (2014) abordam a internacionalização a partir de uma perspectiva crítica, utilizando a construção teórica da sustentabilidade em contextos educacionais. Para esses autores, a sustentabilidade "denota possibilidades de interconexões e relações complexas e holísticas entre alunos, professores e currículos dentro das quais as relações de poder são reconhecidas e são valorizadas as diferenças" (p. 880). Este conceito, portanto, chama a atenção para as experiências humanas envolvidas nos processos de internacionalização. Sob esta ótica, os autores identificaram práticas insustentáveis de internacionalização que podem corroer os objetivos educacionais normalmente associados a estes processos. Entre essas práticas estão: a comercialização e mercantilização das atividades educativas a partir de uma racionalidade econômica ou instrumental; a falta de compreensão

---

<sup>2</sup> Sul e Norte são usados aqui como alegorias geopolíticas para distinguir entre relações de poder, além dos conceitos de desenvolvimento e cultura. O Sul geralmente inclui regiões fora da América do Norte e da Europa, ligadas a uma história de colonialismo e desigualdades.

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019  
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

do que é a internacionalização, junto com uma aceitação acrítica desses processos como "inerentemente benéficos"; a falta de reconhecimento e valorização da diversidade cultural que trazem os estudantes internacionais e outros participantes nesses processos, também associada a percepções etnocêntricas de superioridade cultural e epistêmica dos países que são o principal destino dos fluxos internacionais. Em contraste, as práticas sustentáveis são aquelas que promovem e valorizam a diversidade linguística e epistêmica e a reciprocidade, eliminando a naturalização das relações de poder e autoridade de alguns países/culturas sobre os outros.

Em contraste, o modelo não hegemônico de internacionalização é concebido como uma internacionalização de orientação mais cooperativa e solidária, com objetivos fundamentais de natureza acadêmica e sociocultural. Este modelo, incluso, pode ser transformado em contra hegemônico, quando promove-se uma internacionalização com características marcadamente diferentes às tendências dominantes (PERROTA, 2015; OREGIONE, 2017). A internacionalização solidária também possui traços que permitem desenvolver sua sustentabilidade desde um ponto de vista educacional. Desse modo, seguindo a proposta de Ilieva, Beck e Waterstone (2014), podemos assumir que uma internacionalização solidária e sustentável seria aquela que reconhece e valora o conhecimento das pessoas envolvidas no processo de internacionalização e a diversidade de culturas, que estabelece um regime de reciprocidade para a troca de conhecimentos, e que visa incentivar o desenvolvimento sustentável e maior equidade entre os povos e dentro deles mediante relações cooperativas.

Portanto, a partir deste construto de internacionalização solidária e sustentável e seguindo a definição de internacionalização da educação superior de Jacqueline Gacel-Ávila apresentada na seção introdutória deste artigo, é válido perguntar: como os bibliotecários e as bibliotecas universitárias contribuem para promover uma dimensão internacional e intercultural no ensino, pesquisa e extensão? Como podemos contribuir para fomentar uma perspectiva e consciência global (em estudantes, professores, comunidades) sobre os problemas humanos? Como contribuir para desenvolver valores e atitudes de uma cidadania responsável, humanista e solidária? Como podemos contribuir para o desenvolvimento de uma internacionalização sustentável que não esteja associada à mercantilização do conhecimento, que seja crítica de seus processos e que reconheça e valorize a diversidade linguística e epistêmica?

Uma perspectiva teórica e prática que pode ser utilizada neste contexto parte do conceito de decolonização do conhecimento impulsionado por estudos pós-coloniais e decoloniais (CASTRO-GÓMEZ; GROSGUÉL, 2007). Esses conceitos partem do reconhecimento da existência de estruturas de poder, relacionadas às visões eurocêntricas e etnocêntricas, expandidas pela colonização e pelo imperialismo, que introduziram o conhecimento e os valores das potências coloniais como um padrão de referência superior e universal baseados na ideia da raça. Este padrão implica que "outros modos de ser, outras formas de organização social, outras formas de conhecer, foram transformados não apenas em diferentes, mas em carentes, arcaicas, primitivas, tradicionais, pré-modernas" (LANDER, 2000, p. 10). Embora o colonialismo foi superado, esse padrão de imposição se mantém, assim como a subalternização de conhecimentos populares, indígenas e autóctones.

A perspectiva crítica decolonial permite analisar as relações de poder associadas à raça, sexo, etnia e conhecimento que ainda estão enraizadas nas sociedades latino-americanas atuais, apesar da independência legal e jurídica de potências europeias e norte-americanas, e que devem ser desconstruídas para redescobrir nossa identidade política e cultural regional (GORDILLO-SÁNCHEZ, 2017). Isso implica reconhecer a existência de modos subalternizados de conhecer, produzir e comunicar conhecimento e de formas hegemônicas de organizá-lo e classificá-lo a partir de visões eurocêntricas e etnocêntricas. Reconhecer ambos os enfoques enviesados é um primeiro passo para a decolonização do conhecimento, legitimando e valorizando a pluralidade de formas de conhecer. A partir desses alicerces teóricos, se apresentam brevemente algumas áreas e linhas de atuação dos bibliotecários universitários em prol de uma internacionalização solidária e sustentável.

### **3 ATUAÇÃO BIBLIOTECÁRIA EM PROL DE UMA INTERNACIONALIZAÇÃO SOLIDÁRIA E SUSTENTÁVEL: DECOLONIZANDO ACERVOS, CATÁLOGOS E A COMUNICAÇÃO DA CIÊNCIA**

Qualquer proposta prática para envolver bibliotecas universitárias em uma internacionalização solidária e sustentável passa pelo debate necessário e a reflexão crítica, por exemplo, sobre os efeitos da globalização no ensino superior, as diferentes orientações e modelos nos processos de internacionalização e as relações de poder que afetam a valorização e o reconhecimento da pluralidade de conhecimentos e culturas; essas últimas, condições necessárias para que realmente possa haver uma troca horizontal, recíproca e solidária entre

culturas, comunidades e nações. Essa reflexão crítica integra as atitudes de um bibliotecário chamado na literatura como 'progressista', que tem a ver com "o exercício consciente, honesto e comprometido de uma profissão que não pode ignorar, mas participar na construção coletiva de alternativas e propostas de mudança e justiça social"(CIVALLERO, 2013, p. 156).

No contexto contemporâneo, a responsabilidade social do bibliotecário tem ultrapassado a guarda das coleções para se tornar uma responsabilidade associada com a garantia de acesso a conhecimentos plurais que representem as necessidades das comunidades culturalmente e epistemicamente diversas. Isso implica uma atitude proativa em relação à decolonização dos conhecimentos que formam as coleções/acervos, das ferramentas para organizar esses acervos, e dos modelos para a produção e disseminação do conhecimento. Essas transformações na responsabilidade social do bibliotecário são manifestações, como assinala Civallero (2013, p. 157), da "complexa relação entre sociedade e bibliotecas; do papel que ele pode ou deve desempenhar nos processos democráticos; do poder da informação para impulsionar melhorias dentro de uma determinada comunidade; e da responsabilidade profissional e ética em relação aos direitos humanos".

Portanto, a partir de uma perspectiva solidária e sustentável, quais poderiam ser algumas das contribuições das bibliotecas universitárias aos processos de internacionalização? As estratégias de internacionalização "em casa", que promovem o desenvolvimento de uma agenda internacional e intercultural dentro dos espaços do campus (KNIGHT, 2013), poderiam ser o melhor cenário para impulsionar práticas sustentáveis e solidárias. É nos espaços (não necessariamente físicos) da própria biblioteca e em suas relações com a comunidade interna e externa, que visualizamos algumas dessas contribuições. Abaixo, algumas ideias sobre essas práticas serão apresentadas brevemente, organizadas em três eixos: decolonização das coleções e integração da pluralidade de perspectivas epistêmicas; decolonização dos instrumentos e processos de organização do conhecimento; e apoio à construção de uma ciência aberta situada e conectada aos seus contextos.

### **3.1 Decolonização de coleções e integração de pluralidade de perspectivas epistêmicas**

Podemos começar essas reflexões perguntando: Que conhecimento está compondo as

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019**  
**21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

coleções de bibliotecas universitárias latino-americanas? É possível pensar na existência de uma ecologia de saberes nessas coleções? Uma ecologia de saberes, segundo Boaventura de Sousa Santos (2010), implica a coexistência de uma pluralidade de conhecimentos, científicos e não científicos:

Como uma epistemologia posabismal, a ecologia do conhecimento, ao mesmo tempo em que fortalece a credibilidade do conhecimento não científico, não implica desacreditar o conhecimento científico. Simplesmente implica seu uso contra hegemônico. Esse uso consiste, por um lado, em explorar a pluralidade interna da ciência, ou seja, práticas científicas alternativas que se tornaram visíveis pelas epistemologias feministas e pós-coloniais e, por outro lado, em promover a interação e a interdependência entre o conhecimento científico e não científico (SANTOS, 2010, p.28, tradução da autora).

A existência de uma ecologia de saberes em coleções de bibliotecas implicaria a existência de documentos físicos ou digitais representando a diversidade de línguas, culturas e tipos de conhecimento, incluindo aqueles que são transmitidos através da oralidade. Como aponta Gordillo-Sánchez (2017), atualmente existem muitas culturas na América Latina que ainda usam e até preferem a oralidade para transmitir seus conhecimentos; a imposição da escrita nesses povos representa a morte cultural desses sujeitos orais. Entretanto, sabemos que essa ecologia do conhecimento ainda não existe. As coleções das bibliotecas são conformadas, tipicamente, por documentos escritos, de selo acadêmico, elaborados segundo o 'método científico' e utilizando perspectivas epistemológicas hegemônicas. A oralidade não é considerada uma fonte confiável de conhecimento. As coleções são geralmente monolíngues e representam as línguas hegemônicas locais, excluindo as línguas minoritárias e até mesmo as línguas estrangeiras.

Uma internacionalização solidária e sustentável precisa de uma coleção multicultural na biblioteca ou de uma biblioteca multicultural. De acordo com o Manifesto da IFLA/UNESCO pela Biblioteca Multicultural (IFLA, 2006, p. 1), a diversidade cultural ou o multiculturalismo se refere à coexistência harmoniosa e interação de diferentes culturas, onde "cultura é o conjunto típico de recursos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social, incluindo modos de vida, formas de convivência, sistemas de valores, tradições e crenças ". Uma biblioteca concebida como uma ponte para a promoção de relações de solidariedade entre nações e culturas requer, portanto,

servir a todos os membros da comunidade sem discriminação alguma pela sua origem cultural e linguística; fornecer informações em idiomas e

alfabetos apropriados; dar acesso a uma ampla gama de materiais e serviços que reflitam todas as comunidades e suas necessidades; empregar pessoal para refletir a diversidade da comunidade, treinado para trabalhar e atender diversas comunidades (IFLA, 2006, p. 2, tradução da autora).

A fim de contribuir para uma internacionalização solidária e sustentável, as bibliotecas multiculturais na América Latina devem basear-se num pensamento crítico, democrático e emancipatório que reconheça, em primeiro lugar, o epistemicídio (como diria Boaventura de Sousa Santos) ao qual foram e estão sujeitos povos indígenas e outros grupos e minorias, e que se esforça para resgatar, através de suas coleções e serviços, a memória viva dessas comunidades.

### **3.2 Decolonização dos instrumentos e processos de organização do conhecimento**

Para melhorar o acesso às suas coleções, as bibliotecas executam processos de organização e representação da informação, tais como catalogação, indexação e classificação, que criam representações dos assuntos e de outras características dos documentos. Esses processos, geralmente, utilizam instrumentos (por exemplo, sistemas de classificação e listas de cabeçalhos de assunto) criados nos séculos passados, nos Estados Unidos e na Europa, que estão permeadas por uma perspectiva eurocêntrica e racista. Desde a década de 1970, especialmente após a década de 2000, começaram a ser desenvolvidos estudos que questionam, por exemplo, a maneira como os sistemas de classificação (a saber, Classificação Decimal de Dewey e Classificação Decimal Universal) e os cabeçalhos de assunto (nomeadamente, os da Biblioteca do Congresso dos Estados Unidos), representam as mulheres, os homossexuais, as minorias étnicas, os grupos sociais marginalizados, os idiomas e literaturas não ocidentais e não anglófonos, as religiões não-cristãs, entre outros (KUA, 2004; MILANI; GUIMARÃES, 2014; MOURA, 2018, OLSON, 2002). As representações tendenciosas e distorcidas, assim como as omissões de certos assuntos, refletem as relações e estruturas de poder vinculadas ao conhecimento, associadas também com perspectivas eurocêntricas, heteronormativas, patriarcais, coloniais e discriminatórias, que se tornaram sistêmicas na organização do conhecimento (ADLER, 2016).

Nos últimos anos, portanto, começou-se a falar de "decolonizar o catálogo" (WHITE, 2018) e fazer "reparações taxonômicas" (ADLER, 2016), ou seja, desvelar essas relações de poder, acompanhadas de marginalizações, preconceitos e injustiças e buscar alternativas

éticas que garantam maior inclusão e representatividade dos instrumentos da organização do conhecimento, melhorando as condições e métodos de busca e recuperação de documentos.

Essas discussões estão ligadas à responsabilidade social e à dimensão ética do profissional da informação. Como Mai (2013) destaca, os bibliotecários não podem continuar falando de neutralidade e independência no trabalho bibliotecário pois eles estão diretamente envolvidos com as ideias, as opiniões, as informações e os sentidos representados nas coleções e serviços de informação. Os preconceitos e marginalizações provenientes de certas classificações e cabeçalhos de assunto não só dificultam o acesso à informação para usuários ou grupos de usuários específicos, mas também reforçam padrões sociais de exclusão baseadas na identificação de características das comunidades, por exemplo, preconceitos em relação à homossexualidade, raça negra, culturas indígenas ou religiões de matriz africana. Portanto, embora os sistemas de classificação do conhecimento geralmente refletem a cultura dominante e suas relações de poder, é dever do profissional da informação trabalhar nas margens ou além delas em uma postura ética que favoreça a inclusão da diversidade de usuários.

As contribuições dos bibliotecários acadêmicos a uma internacionalização solidária, por conseguinte, têm a ver também com os processos de decolonização de seus catálogos e o uso ético das ferramentas de organização de conhecimento para representar a diversidade linguística, cultural e epistêmica das comunidades.

### **3.3 A construção de uma ciência aberta situada**

Quando falarmos da internacionalização do ensino superior, é claro que a internacionalização da pesquisa científica está inclusa. Suas principais manifestações abarcam a mobilidade de estudantes de pós-graduação e pesquisadores, o estabelecimento de redes de colaboração científica e as parcerias entre pesquisadores para publicações conjuntas. O componente internacional para o desenvolvimento científico sempre foi importante, mas não há dúvida de que sua relevância aumentou com a emergência da interdisciplinaridade, a abordagem de problemas complexos, a necessidade de otimizar o uso de equipamentos e tecnologias sofisticadas, entre outros fatores (SEBASTIÁN, 2007).

Nesse contexto da ciência internacional, e a partir do uso ampliado das tecnologias da informação e da emergência dos modelos de produção e compartilhamento abertos, um

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019**  
**21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

termo passa a ter notoriedade: a ciência aberta. Um dos vários conceitos de ciência aberta a define como "um movimento para fazer a pesquisa científica e a divulgação dos dados acessíveis para uma sociedade ávida por conhecimento" (BEZJAK *et al.*, 2018). Este mesmo documento aponta seus princípios e práticas:

Princípios: a ciência aberta lida com maior transparência, reutilização, participação, cooperação, responsabilidade e reprodutibilidade da pesquisa. Seu objetivo é melhorar a qualidade e a confiabilidade da pesquisa por meio de princípios como inclusão, justiça, equidade e intercâmbios [...].

Práticas: A ciência aberta engloba mudanças na forma como a ciência é realizada, incluindo acesso aberto às publicações de pesquisa, troca de dados, cadernos abertos, transparência na avaliação da pesquisa, reprodutibilidade da pesquisa (quando possível), transparência nos métodos de pesquisa, código-fonte aberto, software e infraestrutura, ciência cidadã e recursos educacionais abertos (BEZJAK *et al.*, 2018, p.9, tradução da autora).

O surgimento desses movimentos de abertura ao conhecimento, dentre os quais aqueles relacionados com o código aberto e o acesso aberto são os de desenvolvimento mais antigos, é uma das mais importantes tendências contemporâneas, com impacto direto sobre o trabalho presente e futuro das bibliotecas universitárias. No entanto, as contribuições destas instituições para a promoção de uma ciência aberta ainda estão pouco sistematizadas. A revisão de Ochoa-Gutiérrez e Uribe-Tirado (2018) mostra uma produção relativamente baixa sobre o assunto, com um aumento recente na literatura científica, principalmente a partir de 2015, sendo protagonistas os autores da Europa e dos Estados Unidos. Ochoa-Gutiérrez e Uribe-Tirado (2018) identificaram como contribuições gerais o treinamento em ciência aberta para os pesquisadores (incluindo a chamada *data information literacy*); serviços específicos, como o acesso aberto às publicações, repositórios, dados abertos; uso e desenvolvimento de métricas alternativas (altimetrias) e a promoção da implementação de políticas de ciência aberta nacionais e institucionais.

Contudo, uma posição importante para bibliotecários em bibliotecas universitárias da América Latina, em correspondência com a sua responsabilidade social, é questionar a natureza e as características de práticas e projetos da ciência aberta, levando em consideração, como observado por Hillyer *et al.* (2017), que a maioria das ações e discussões sobre a temática foram lideradas pelos países do Norte e se concentram em ferramentas, infraestruturas e modelos de negócios para produzir conhecimento aberto. Vários autores alertam que a implementação desses modelos abertos de forma acrítica e desconectados dos contextos históricos, políticos, culturais e sociais, pode levar a novas formas de colonialismo,

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019  
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

pois o acesso ampliado ao conhecimento do Norte pode maximizar seu impacto nos países Sul e reforçar o seu uso como referência teórica e modelo normativo em detrimento de epistemologias locais, que muitas vezes são considerados de menor valor (PIRON, 2018); poderia também levar pesquisadores do Sul a gastar seus já escassos recursos para pagar pela publicação em periódicos de acesso aberto de "fator de impacto" que usam o modelo APC<sup>3</sup> e que, na maioria dos casos, coincidem com os periódicos publicados por poderosos oligopólios editoriais; e poderia até expandir a privatização e mercantilização do conhecimento que uma vez foi compartilhado abertamente (FERPOSSI, 2017).

Se pensarmos a ciência aberta em um cenário de internacionalização solidária e sustentável, os bibliotecários que atuam em bibliotecas universitárias poderiam adotar uma abordagem proativa, levando em consideração os princípios e valores para um acesso aberto colaborativo e sustentável, como promove a iniciativa AmeliCA<sup>4</sup>, e os valores para uma ciência aberta situada, conectada com os contextos históricos, sociais, políticos e econômicos de cada país, como fomentado pela Rede de Ciência Aberta e Colaborativa para o Desenvolvimento OCSDNet<sup>5</sup>

Com base nesses princípios e valores, as bibliotecas universitárias e suas comunidades de usuários poderiam:

- a) Apoiar iniciativas para preservar o caráter acadêmico da publicação científica, em vez de modelos de negócios que envolvem pagamentos ou privatizações;
- b) Fomentar a integração de diversas tradições científicas e formas de conhecimento na produção, organização, acesso e disseminação do conhecimento;
- c) Identificar e lidar com as relações de poder e desigualdades na produção e disseminação de conhecimento, mediante a descolonização de coleções, catálogos e serviços de informação;
- d) Incentivar a participação e colaboração equitativa entre pesquisadores e membros da comunidade, em todas as etapas do processo de pesquisa;
- e) Participar no desenvolvimento de infraestruturas inclusivas, com base em estudos de usuários e criação de conteúdo para diferentes grupos comunitários;

---

<sup>3</sup> Modelo de negócio sob o qual autores ou suas instituições pagam uma taxa (*article processing charge*) para os periódicos, para que seu artigo, uma vez aceito, seja publicado em acesso aberto.

<sup>4</sup> <http://www.amelica.org/>

<sup>5</sup> <https://ocsdnet.org/>

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019  
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

- f) Contribuir para a defesa da diversidade linguística e temática dos periódicos científicos e apoiar o fortalecimento de repositórios institucionais, incentivando o desaparecimento do embargo e da cessão de políticas de direitos autorais.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Sem dúvidas, hoje as bibliotecas universitárias enfrentam grandes desafios num panorama caracterizado pelas mudanças nos conteúdos, nas pessoas e nas infraestruturas; em meio das tensões entre, por um lado, o incentivo para procurar novas e melhores tecnologias e práticas para a criação e disseminação de conhecimento de forma colaborativa e social, e, por outro, do impulso a novas formas de mercantilização, privatização e exploração hegemônica do conhecimento. Em meio dessas tensões estão imbricadas desigualdades e injustiças sociais e epistêmicas de longa data.

Os processos de internacionalização das instituições de ensino superior são espaços onde essas tensões têm importantes reflexos com a coexistência de práticas que reforçam a mercantilização do conhecimento e as assimetrias epistêmicas, e outras que estimulam a cooperação e as relações de reciprocidade. Para a região da América Latina, historicamente marcada pela desigualdade social e o colonialismo, uma internacionalização solidária e baseada em práticas educativas sustentáveis, que reconheçam e valorizem a diversidade linguística, epistêmica e cultural de todos os envolvidos, constitui a melhor estratégia para o desenvolvimento sustentável.

As contribuições das bibliotecas universitárias latino-americanas para uma internacionalização solidária e sustentável, formadora de cidadãos críticos, humanistas, com uma consciência global, passa pela atitude socialmente responsável e ética dos bibliotecários, traduzida em ações e práticas concretas em relação à formação de suas coleções, sua organização e os serviços de apoio à pesquisa. Nesse ensaio foram apresentadas algumas ideias preliminares sobre os desafios nas áreas de decolonização das coleções e integração das perspectivas plurais, a decolonização de ferramentas e processos de organização do conhecimento e a construção de uma ciência aberta, colaborativa e situada. Outras ideias que podem ser exploradas futuramente estão no campo das relações internacionais que estabelecem os bibliotecários, suas associações e instituições, assim como nas estratégias de

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019  
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

formação desses profissionais, que atualmente exigem perspectivas internacionais/interculturais e melhores competências críticas e comparadas.

## REFERÊNCIAS

ADLER, Melissa. The Case for Taxonomic Reparations. **Knowledge Organization**, v. 43, n. 8, p. 630-640, 2016.

ALTBACH, Philip. G. Globalization and the University: myths and realities in an unequal world. **Tertiary Education and Management**, v. 10, n. 1, p. 3-25, 2004.

BECKER, Linda. K. W. Globalization and changing practices for academic librarians in Australia: a literature review. **Australian Academic & Research Libraries**, v. 37, n. 2, p. 82-99, 2006. DOI 10.1080/00048623.2006.10755328.

BEZJAK, Sonja *et al.* **Manual de Capacitación sobre Ciencia Abierta**. Disponível em: <https://book.fosteropenscience.eu/es/>. Acesso em: 13 jul. 2019.

BRANDENBURG, Uwe; WIT, Hans de. The End of Internationalization. **International Higher Education**, n. 62, p. 15-17, 2011.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFUGUEL, Ramón (org.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá, D.C: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, IESCO-UC: Pontificia Universidad Javeriana, Instituto de Estudios Sociales y Culturales, Pensar, 2007.

CIVALLERO, Edgardo. Aproximación a la bibliotecología progresista. **El Profesional de la Información**, v. 22, n. 2, p. 155–162, 2013.

CLICK, Amanda B.; WILEY, Claire. W.; HOULIHAN, Meggan. The internationalization of the academic library: a systematic review of 25 years of literature on international students. **College & Research Libraries**, 2016. Disponível em: <http://crl.acrl.org/content/early/2016/03/22/crl16-877.full.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2019.

DIDOU-AUPETIT, Sylvie. Introducción. In: DIDOU-AUPETIT, S.; ESCOBAR, V. (Coord.). **Internacionalización de la educación superior y las ciencias em América Latina: un estado del arte**. Caracas: IESALC-UNESCO, 2014. p. 19-26.

FERPOZZI, Hugo. What is at stake? Public participation and the co-production of open scientific knowledge. In: CHAN, L.; LOIZIDES, F (ed). **Expanding perspectives on Open Science: communities, cultures and diversity in concepts and practices**. Amsterdam: IOS Press, 2017. p. 257-268.

GACEL-ÁVILA, Jocelyne. **La dimensión internacional de las universidades. Contexto, procesos, estrategias**. Guadalajara, México: Universidad de Guadalajara, 2006.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019  
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

GORDILLO SÁNCHEZ, Daniel Guillermo. Decolonización, bibliotecas y América Latina: notas para la reflexión. **Investigación Bibliotecológica: archivonomía, bibliotecología e información**, v. 31, n. 73, p. 131, 2017.

HILLYER, Rebecca; POSADA, Alejandro; ALBORNOZ, Denise; CHAN, Leslie; OKUNE, Angela. Framing a situated and inclusive open Science: emerging lessons from the open and collaborative Science in development network *In*: CHAN, L.; LOIZIDES, F (ed.). **Expanding perspectives on Open Science: communities, cultures and diversity in concepts and practices**. Amsterdam: IOS Press, 2017. P. 18-32

ILIEVA, Roumiana; BECK, Kumari; WATERSTONE, Bonnie. Towards sustainable internationalisation of higher education. **Higher Education**, v. 68, n. 6, p. 875-889, 2014.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. **Manifiesto IFLA/UNESCO por la Biblioteca multicultural**. Disponível em: [https://www.ifla.org/files/assets/library-services-to-multicultural-populations/publications/multicultural\\_library\\_manifiesto-es.pdf](https://www.ifla.org/files/assets/library-services-to-multicultural-populations/publications/multicultural_library_manifiesto-es.pdf). Acesso em: 13 jul. 2019.

KNIGHT, Jane. The changing landscape of higher education internationalisation – for better or worse? **Perspectives: Policy and Practice in Higher Education**, v.17, n. 3, p. 84-90, 2013.

KUA, Eunice. Non-Western Languages and Literatures in the Dewey Decimal Classification Scheme. **Libri**, v. 54, n. 4, p. 256-265, 2004.

LANDER, Edgardo. Ciencias sociales: saberes coloniales y eurocéntricos. *In*: LANDER, E. (Comp.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas**. Buenos Aires, Argentina: CLACSO, 2000, p. 4-23

LEITÃO, Bárbara Júlia Menezello. **Avaliação qualitativa e quantitativa numa biblioteca universitária: grupos de foco**. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

MAI, Jens-Erik. Ethics, Values and Morality in Contemporary Library Classifications. **Knowledge Organization**, v. 40, n. 4, p. 242–253, 2013.

MILANI, Suellen Oliveira; GUIMARÃES, José Augusto Chaves. Problemas relacionados a Biases em Sistemas de Organização do Conhecimento: perspectivas para a Representação de Assunto. **IRIS - Revista de Informação, Memória e Tecnologia**, v. 3, n. 1, p. 72-92, 2018.

MONZÓN, Marcelo A. Internacionalización de la Educación Superior. Análisis y Acción: Apuntes para el desarrollo de un modelo Conceptual. *In*: TANGELSON, G. (comp.). **Desde el sur: miradas sobre la internacionalización**. Remedios de Escalada: Ediciones de la UNLa- Universidad Nacional de Lanús, 2014, p. 65-84.

MOURA, Maria Aparecida. Organização social do conhecimento e performatividade de gênero: dispositivos, regimes de saber e relações de poder. **Liinc em Revista**, v. 14, n. 2, p. 118-135. DOI <http://dx.doi.org/10.18617/liinc.v14i2.4472>

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019**  
**21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

OCHOA-GUTIÉRREZ, Jaider; URIBE-TIRADO, Alejandro. Ciencia abierta y bibliotecas académicas: una revisión sistemática de la literatura. **IRIS-Infomação, Memória e Tecnologia**, v. 4, n. 1, p. 49-69, 2018.

OLSON, Hope A. **The power to name: locating the limits of subject representation in libraries**. Dordrecht, the Netherlands: Kluwer, 2002.

OREGIONI, María Soledad. La internacionalización universitaria desde una perspectiva situada: tensiones y desafíos para la región Latinoamericana. **Revista Internacional de Educação Superior**, v. 3, n. 1, p. 114–133, 2017.

PERROTTA, Daniela. La Región Sudamericana como arena política para la internacionalización de la universidad. *In*: Araya, J.M. (Comp.). **Aportes para los estudios sobre internacionalización de la educación superior en América del Sur**. Buenos Aires: UNICEN, 2015, p. 21-50.

PINFIELD, Stephen; COX, Andrew; RUTTER, Sophie. **Mapping the future of academic libraries: a report for SCONUL Society of College, National & University Libraries**. London, United Kingdom: SCONUL, 2017. Disponível em:  
<https://sconul.ac.uk/sites/default/files/documents/SCONUL%20Report%20Mapping%20the%20Future%20of%20Academic%20Libraries.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2019.

PIRON, Florence. Poscolonial open access. *In*: Ulrich, H.; Schopf, J. (ed.). **Open Divide. Critical Studies in Open Access**. Sacramento, California: LitwinBooks, 2018.

SÁNCHEZ-TARRAGÓ, Nancy; BUFREM, Leilah Santiago. Espacios y papeles para la biblioteca universitaria en la internacionalización de la educación superior: hacia un enfoque solidario. **Bibliotecas. Anales de investigación**, v. 14, p. 88-95, 2018.

SÁNCHEZ-TARRAGÓ, Nancy; BUFREM, Leilah Santiago; SANTOS, Raimundo Nonato Macedo dos. La Ciencia de la Información y la Internacionalización de la Educación Superior. **Infomação & Sociedade: estudos**, v.26, p.73-89, 2016.

SÁNCHEZ-TARRAGÓ, Nancy; CASTELLANOS GALLARDO, Inalvis; BUFREM, Leilah Santiago. Contribuciones de la biblioteca universitaria a la internacionalización del campus: análisis sistemático de la literatura. **Perspectivas em Ciência da Infomação**, v. 22, n. 3, p. 186-209, 2017.

SÁNCHEZ-TARRAGÓ, Nancy; SANTOS, Raimundo Nonato Macedo; BUFREM, Leilah Santiago. Discusión sobre Políticas de Internacionalización en la Educación Superior: análisis de citas. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da infomação**, v. 20, n. 44, p. 105-126, set./dez. 2015. DOI  
<http://dx.doi.org/10.5007/1518-2924.2015v20n44p105>.

SÁNCHEZ-TARRAGÓ, Nancy; SANTOS, Raimundo Nonato Macedo; BUFREM, Leilah Santiago. Internacionalización de la educación superior: una mirada a sus simientes intelectuales. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: ALÉM DAS NUUVENS,

**XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019  
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC**

EXPANDINDO AS FRONTEIRAS DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 15., 2014, Belo Horizonte, MG. **Anais** [...] Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 30983118. Disponível em: <http://enancib2014.eci.ufmg.br/documentos/anais/anais-gt7>. Acesso em: 13 jul. 2019

SANTOS, Boaventura de Souza. **Descolonizar el saber, reinventar el poder**. Montevideo: Trilce, 2010.

SEBASTIÁN, Jesús. **El Manual de Santiago: una guía para medir la internacionalización de la I+D**. 2017. Disponível em: [http://www.ricyt.org/biblioteca-sp-1864514149/doc\\_view/94-el-manual-de-santiago-una-guia-para-medir-la-internacionalizacion-de-la-i-d](http://www.ricyt.org/biblioteca-sp-1864514149/doc_view/94-el-manual-de-santiago-una-guia-para-medir-la-internacionalizacion-de-la-i-d) Acesso em: 13 de julho de 2019

STEIN, Sharon. Internationalization for an uncertain future: tensions, paradoxes, and possibilities. **The Review of Higher Education**, v. 41, n. 10, p. 3-32, 2017.

WHITE, Holly C. Decolonizing the Way Libraries Organize. *In*: IFLA WLIC 2018, Kuala Lumpur, Malaysia, 2018. **Anais** [...] Disponível em: <http://library.ifla.org/2221/1/207-white-en.pdf> Acesso em: 13 jul. 2019.

WITT, Steven W.; KUTNER, Laurie; COOPER, Liz. Mapping academic library contributions to campus internationalization. **College & Research Libraries**, v. 76, n. 5, 2015. DOI 10.5860/crl.76.5.587.